

Suplemento Cultural

A obra imperdível de Raquel Naveira

JOSÉ PEDRO FRAZÃO – jornalista, prosador/poeta, membro e secretário da ASL

Ela só queria mostrar os segredos interessantes da intertextualidade que entrelaçam obras de Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Rachel de Queiroz a uma história sacra da idade média, como tese de Mestrado em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Mas acabou produzindo, com sua poética e maravilhosa lente de investigadora literária, uma verdadeira obra de arte e de consulta indispensável para os amantes das letras, sobretudo, aos docentes e discentes de vários níveis.

Refiro-me à professora e escritora campo-grandense Raquel Naveira e ao seu livro *Maria Egipcíaca*, publicado pela editora da UCDB.

Santa Maria Egipcíaca é uma lenda medieval constante no famoso livro dos santos da Igreja Católica (*Flos Sanctorum*). Trata-se da história de uma prostituta sedutora e contumaz que, arrependida e divinamente inspirada, se converte e passa o resto da vida fazendo penitência no deserto. Entre os muitos artistas do mundo inteiro que se renderam ao episódio,



“MARIA EGIPCÍACA”. Primorosa obra de Raquel Naveira, publicada pela Editora da UCDB

estão esses três fenômenos da literatura brasileira, que Raquel Naveira, inteligentemente, inquirir e acorrenta à luz de sua prosa, focalizando de um prisma divino a intersecção proposada da tríade com a lenda hagiográfica: O poema *Oratório de Santa Maria Egipcíaca*, de Cecília Meireles; o poema *Balada de Santa Maria Egipcíaca*, de Manuel Bandeira, e a peça teatral *A Beata Maria do Egito*,

“

Raquel Naveira é uma das mais importantes referências da Literatura de Mato Grosso do Sul, na prosa e na poesia. É um nome do qual se orgulha a nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras”

de Rachel de Queiroz.

Raquel Naveira é uma das mais importantes referências da Literatura de Mato Grosso do Sul, na prosa e na poesia. É um nome do qual se orgulha a nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Seu trabalho é intenso e sua arte literária respira em muitas obras, entre as quais *O Arado e a Estrela*, *Abadia*, *Casa de Tecla*, *Stella Maia*, *Senhora*, *Casa e Castelo*,

inclusive este empolgante livro-ensaio literário, fruto de sua bem-fadada dissertação.

A sensibilidade com que a nossa escritora tece esta prosa didática remete à construção de seus poemas, em especial o premiado “Maria do Egito” – cujos versos transpõem suas qualidades de ensaísta para reiterar a face e a fase poética da própria autora em dilema idêntico ao dos escritores acima citados.

Sob a égide da consagrada teoria de Mikhail Bakhtin e dos conceitos de Genette, Artaud, Raul Castagnino, Gilberto Freyre, Sarmiento, Saramago, Contí e outros renomados críticos e pensadores, Raquel Naveira nos leva aos meandros do maravilhoso cristão e do conhecimento de uma parte importante da ciência poética e teatral. A leitura do seu livro é um prazeroso aprendizado analítico e pedagógico dos encantos da menipeia, do pastiche, do dialogismo, da carnavalização, da paródia e de todo o universo da intertextualidade, mormente acerca dos textos comentados de Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Rachel de Queiroz – fatores que tornam *Maria Egipcíaca* uma obra, realmente, imperdível.

JOÃO BARULHO

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

João Barulho, como era conhecido, pois eu nunca soube seu nome verdadeiro, como também jamais tive conhecimento da razão desse apelido, era um gaúcho disposto, da fronteira do Rio Grande do Sul.

Tropeiro por vocação ou destino, era visto montando um Pingo bem aperado, frequentando festas, bailes e, de modo especial, comércio

de carreiradas.

Não consta se era metido a valente, o que se sabe é mais o lado pitoresco de suas lorotas e aventuras.

Certa feita, regressando de viagem, deu com um baile em casa. Nem titubeou; desencilhou o cavalo, estendeu os arreios no meio da sala e se deitou. O baile acabou!

Outra vez, no tempo das revoluções, chegou num rancho campeiro e pediu água. As mulheres, apressa-

das, acorreram buscando um copo apresentável para servi-lo. Ele, sem cerimônia, disse: não se atropelem, donas, chiru velho como eu bebe água de bunda prá cima lá na sanga.

Depois, elas lhe apresentaram uma carta chegada da frente revolucionária, onde estavam os maridos, pedindo para que ele a lesse.

Rápido, pegou a missiva e já foi dizendo: vão chorando siás donas, porque o causo é triste.

Elas, já lacrimosas, perguntaram; mas por que, seu João? Porque eu não sei ler, respondeu.

Em outras ocasiões, quando lhe

davam cartas para ler, ele as pegava de pernas para cima e, se lhe diziam: está virada, seu João, respondia: é porque já estou deslendo.

Contavam também que era contador de tropas. Subia numa tronqueira da porteira, soltavam o gado e ele ia contando: lá vai um, vai dois, vai três e já não sei mais... contudo, se numa ronda noturna, faltasse uma rês, ele conhecia pelo pelo a faltosa.

Tinha um bonito relógio de ouro, de algebeira, e verificava as horas assim: são oito e sessenta e o bicho está se dando volta!

A Junta de Bois Pretos

RENATO TONIASO

Na minha infância, como não havia energia elétrica e nem televisão no sítio onde morávamos, após o jantar as pessoas costumavam ficar conversando na varanda, à luz de velas, da lua ou do lampião. Os moleques ficavam escutando, grudadinhos à prosa dos adultos, e, de um modo geral, gostavam mais quando a conversa descambava para se contar histórias – ou estórias – de assombração, de valentias e aventuras, de arreglos com a sorte etc. Quando das abordagens de assuntos do sobrenatural, ficávamos ainda mais eriçados; alguns menos crentes, mas nem todos e não totalmente – em bruxas não acredito, pero que lãs hay, lãs hay. Por cautela, ninguém, dos guris, arriscava ir muito além do raio de alcance da iluminação artificial.

Certa noite, em um dos “causos” contou-se que no fundo do rio, bem ali pertinho, onde existia uma corredeira, haveria uma caixa de ferro cheia de cálices de ouro – “foi dos padres jesuítas” –, chumbada na laje e presa na ponta de um correntão, sendo que, para removê-la, não adiantava só fazer força; segundo o encantamento “jogado pelos padres”, alcançaria o sucesso quem atrelasse à outra ponta da corrente, para puxar a caixa, uma junta de bois gêmeos e de pelagem totalmente negra – “até as pestanas dos bichos têm que ser pretas; senão a caixa não

desgruda da pedra”. O narrador deu certeza dos fatos e ainda adiantou que outras pessoas já teriam fracassado na tentativa de se apossarem do tesouro, e isso valendo-se de tratores, de caminhões e até de “carros-de-combate”. Obviamente que não informou como os padres teriam feito para colocar a tal caixa naquele lugar e nem como se faria para trazer à margem a ponta livre do correntão, de sorte a tornar possível o tracionamento pela junta de bois. Mas isso não era assunto que interessasse. Os “grandes” não duvidaram da história, e, ademais, “piá não se mete na conversa dos mais velhos”. Ninguém perguntou a respeito.

O tempo foi passando, e a “história” dos dois bois pretos, por mais irreal que pudesse parecer, ficou-me na memória. Durante o completar da minha infância, toda vez que uma vaca ficava prenhe, no sítio, eu torcia para que dela nascessem dois bezerrinhos, e que fossem machos, gêmeos e “bem pretos; até nas sobranças”. Nunca, porém, fui atendido e, por isso, a caixa deve continuar lá. Não me lembro se a contei para os meus filhos. Estou aguardando a vinda dos netos, para tentar fazê-lo; talvez eles tenham melhor sorte do que eu. O medo é de que, por não se tratar de uma estória de monstros e naves alienígenas, a eles não interesse. Eles poderão dizer: “esse Vô é um chato”. Criança é sincera. Glup!

Vendendo gato por lebre

VALMIR BATISTA CORRÊA

Numa época bem distante, quando era presente um Brasil ingênuo, usava-se, para explicar uma vigarice, a expressão “comprou gato por lebre”. Explico melhor. O sujeito era enganado por um malandro que vendia um produto maquiado, de preço baixo, como se fosse um autêntico produto de mais valor. E o otário, metido a sabido, amargava o prejuízo, além de ter feito o papel de bobo.

Cresci ouvindo dos adultos estórias engraçadas desses espertalhões. Isso porém não significava que a sociedade brasileira deixava de ter em seu cotidiano relações de extrema violência.

Pelo contrário, a história da humanidade, como da própria brasileira, sempre esteve permeada de violência e de derramamento de sangue. É assim que a história caminha. Portanto, dizer que o povo brasileiro é pacífico e sua história não é violenta é, apenas, uma grande balela.

Fico neste artigo somente no entendimento da malandragem. Nesta viagem no tempo já distante, o malandro, por exemplo, dos morros cariocas, vestiam sempre uma camiseta listada, calças e sapatos brancos e chapéu de palha na cabeça, e andando, com um gingado no pé. Assim

foram registrados esses personagens, para a posteridade, em caricaturas e também nas belas chanchadas dos filmes da Atlântida. Era uma época que não volta mais, do malandro almofadinha “Amigo da Onça”, que desde 1943 povoava as páginas da revista *O Cruzeiro*, com os traços finos do cartunista Péricles. Lembro também do famoso ladrão Gino Meneghetti, imigrante que aportou ao Brasil em 1913, aos 35 anos, já com um rastro de bandidagem. Meneghetti ficou lendário na crônica policial por não usar de violência em seus roubos de jóias, caminhando pelos telhados e fugindo de cercos policiais. Na contramão desta história de malandragem, lembro do “Bandido da Luz Vermelha”, que ficou famoso no mundo do crime em São Paulo. Atacava mansões ricas de madrugada, utilizando uma lanterna de foco vermelho e era violento, violentando suas vítimas. Esse bandido teve a sua vida filmada pelo cineasta Rogério Sganzerla, tendo no papel título o ator Paulo Vilaça, já falecido.

Deixo de comentar, por motivos óbvios, a rapinagem dos últimos tempos de bandidos de colarinhos brancos travestidos de políticos.

Como esse mundo está de cabeça pro ar, ficou remoendo a malandragem que

POESIAS

UM VULTO EM VOLTAS

da janela do quarto
tantas vezes ficou
[sem pestanejar
bebendo um vento gelado]
tecendo as plumagens do silêncio
em retinas de tigris
de insaciáveis rotinas...
assim
soletava as senhas de pontes e troncos,
sondava o sono das montanhas esquecidas
em impérios sombrios
e intuía o imenso croqui
de um paraíso incerto,
além das ilhas sem horizontes...

não era prisioneiro
de suas indecisões,
mas só iluminou seus pensamentos
com disciplina
no dia em que aprendeu
a seguir procissões de formigas...

RUBENIO MARCELO

ZUM UNIVERSAL

Enquadrei, numa lente imaginária,
Ao mesmo tempo toda a humanidade...
E fui trazendo, em zum, ser nobre ou pária,
Cenas de horror ou vistas de bondade!

Quanto mal ou beleza extraordinária
Pasmam a câmara que o longe invade:
Bombas a ribombar... de aves a ária...
Prantos de horror... semblantes de saudade...

E eis que um rosto tão lindo, alvissareiro,
Locupleta de amor o quadro inteiro...
Era o maxi “close-up” que conquisto.

Todas as imagens foram-se da lente...
Mas esta ficou e esta é permanente:
A face onipresente do meu Cristo!

GERALDO RAMON PEREIRA

apareceu, cerca de 5 anos atrás, em nosso Mato Grosso do Sul. Por incrível que pareça, a velha máxima “vendendo gato por lebre”, adquiriu nova roupagem aqui no estado, sendo noticiadas na imprensa como “vendendo galinha de granja por caipira”. Isso mesmo, havia malandros colorindo penas brancas com urucum para serem vendidas, evidentemente mais caras, como galinhas caipiras. A polícia rodoviária prendeu dois carregamentos desta picaretagem. Fico admirado com a criatividade dessa gente que pensa que o povo é otário. Mas que tem muita gente comendo galinha branca, colorida de vermelho, isso tem.

Para quem não sabe, urucum é uma pequena árvore nativa que produz um fruto cheio de espinhos por fora e carregados por dentro de bolinhas vermelhas. Essas bolinhas, que dão um tom avermelhado à culinária regional, podem ser utilizadas mofadas ou dentro de azeite. É, também, um excelente remédio para combater o colesterol, após as suas sementinhas ficarem descansando em água.

Ainda, sobre esse produto natural, foi o mestre João, cozinheiro corumbaense de primeira, já falecido, que inventou uma delícia usando esse condimento, o “Pintado a Urucum”, hoje famoso em todo o País.

Mas continuo achando uns gozadores e caras-de-pau esses vigaristas que estavam pintando as coitadas das penas e iludindo os incautos.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ASL ACOLHE EM SUA SEDE A VISITA DE PROFESSORES E ESTUDANTES DA UEMS/DOURADOS – Sob a coordenação da educadora Zélia Nolasco, Professora do Curso de Letras e Programas de

Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – campus de Dourados, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras recebeu, na manhã do dia 18/09 p.p., um grupo de professores, alunos e pós-

graduandos daquela universidade, os quais vieram conhecer nossa nova sede e interagir com os acadêmicos da ASL sobre temas de interesse literário, como a situação da Literatura como disciplina na grade curricular e outras abordagens. Agradecemos a visita, que redundou em memorável acontecimento de integração academia-universidade.